

APRESENTAÇÃO

Este número da revista *Cadernos CERU* tem como foco de seu dossiê o tema da religião. Em diversas ocasiões o Centro de Estudos Rurais e Urbanos tem publicado em seu periódico *Cadernos estudos* voltados a essa temática, apresentados ou não em sua reunião anual. Mas o tema sempre retorna dada sua relevância na sociedade moderna em que as transformações têm ocorrido de tal maneira acelerada que os indivíduos se sentem muitas vezes inseguros, sem saber o que fazer e no que acreditar. Como sói acontecer em tais situações e momentos, o fenômeno religioso tende a se fazer mais presente, sempre sob formas distintas, variando não só de acordo com seu tempo e lugar, mas também com a classe social.

Renato Ortiz destaca, em artigo de 2001,¹ que o processo de mundialização que se está vivenciando em tempos recentes, trouxe reflexos significativos em todos os campos da vida social, entre os quais se inclui a religião. Como ele salienta com base em Jaspers, as assim chamadas religiões universais desempenharam um papel fundamental na história humana, à medida que constituíram uma forma de rompimento com o passado dos grupos sociais (apud ORTIZ, 2001). Esse rompimento teria consagrado alguns traços próprios do processo civilizatório, como “espiritualização da vida humana, supremacia do logos sobre o saber mítico, surgimento dos filósofos e de um pensamento especulativo” (ORTIZ, 2001, p. 60). É preciso destacar a dimensão individualizadora do processo, segundo Ortiz (2001), tanto no que se refere à religião, quanto ao pensamento.

Embora o século XIX tenha sido marcado pela secularização e considerado por muitos casos o fim da religião – numa visão evolucionista interpretativa da sociedade –, com o advento da ciência e da técnica, hoje se percebe que a religião readquiriu muito de sua força passada, “como que renascendo das cinzas”. É certo que não retomou a posição central que ocu-

¹ ORTIZ, R. Anotações sobre religião e globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.16, n.47, p. 59-74, out. 2001.

pava nas sociedades pregressas, nas quais desempenhava papel determinante na organização e estrutura sociais, mas continua a ocupar uma posição preponderante na sociedade moderna, um papel, é verdade, redefinido num mundo globalizado, em que compete com o universo do consumo.

Ortiz (2001) lembra, com muita propriedade, Durkheim que, ao destacar já a dominação científica sobre as respostas da religião no mundo de então, chamou a atenção para o fato de a ciência ser uma moral sem ética, querendo com isso dizer que a ciência seria incapaz de dar sentido às ações coletivas e que, portanto, o papel da religião como sentido de orientação para a ação do homem na sociedade continuaria presente (1970 apud ORTIZ, 2001).

O que hoje se constata é uma ampla diversidade de crenças, desde as tradicionais até as mais recentes, ainda não muito formalizadas. Mas tudo isso se insere num novo contexto, caracterizado por integração econômica, política, territorial, sócio-cultural, com tendências até a uma integração de língua no mundo globalizado em que se vive. Nesse panorama uma palavra chave é Estado-nação, que se apresenta com menores responsabilidades que o Estado do Bem-Estar Social, mais impessoal e distante, mas não menos presente no qual se vê uma conquista cada vez mais evidente da cidadania, mas ainda como referência de instituições sócio-políticas fortes, como sindicatos, partidos e movimentos sociais. Paradoxalmente, dispõe de menos poder e suas possibilidades de atuação na atual conjuntura internacional são, claramente, mais restritas. Ortiz (2001) salienta que a religião, em contraponto e por sua própria natureza, é transnacional, podendo atuar amplamente, sem restrições.

Assim o interesse pelo estudo da religião se reacendeu, com ampliação da quantidade e diversidade dos temas tratados, o que se pode verificar analisando-se a plêiade de textos que este número dos Cadernos CERU inclui.

Inicialmente, o texto de Maria da Graça J. Setton, “As religiões como agentes de socialização”, trata de um aspecto pouco abordado dentro da Sociologia, que é o potencial socializador das religiões na sociedade moderna, à medida que analisa os sistemas religiosos enquanto espaços de construção de sentido na sociedade. Com base na noção de cultura, Setton concebe e analisa as religiões como matrizes de cultura, do mesmo modo como a família e a escola, todas elas consideradas como instituições capazes de propiciar entendimento sobre a realidade dos indivíduos. Para desenvolver suas reflexões, a autora analisa especialmente dois aspectos fundamentais do processo de socialização, a linguagem e sua conexão com a prática social dos indivíduos e grupos. Sua base teórica é constituída por Durkheim e Weber, embora sempre fazendo contraponto com o pensamento de Bourdieu.

Geraldo Ribeiro de Sá, em seu estudo “A religião e as origens do Estado Moderno”, faz uma reflexão a respeito das relações entre religião e a formação do Estado Moderno ao longo do período que vai do século XVI até o XVII, portanto na Idade Moderna, quando se estabeleceram as bases do Estado a partir da Reforma Protestante até a Revolução Francesa. Procura analisar o tipo de relacionamento que se estabeleceu entre estado e religião e como os princípios religiosos e políticos impactaram – e em que medida – a formação e consolidação do estado moderno. Com base na conceituação dada por Weber ao estado, estuda o movimento reformista ocorrido em alguns países da Europa ocidental, fundamentado nas obras de Weber, Tawney, Engels e Tocqueville. Discute a grande ruptura no arcabouço religioso estabelecido, como reação a rupturas de outras ordens, como a econômica, a política e a social, vigentes nessa época. Mostra como as relações entre as religiões mais ou menos institucionalizadas no espaço e tempos considerados e o Estado se caracterizaram ora por tensões, ora por acomodação ou até colaboração. A idéia proclamada, da separação entre estado e religião, nesse momento histórico, na prática não se concretizou, já que, no campo das práticas, eram muitas as interações e, assim, essa separação permaneceu mais no âmbito das representações.

O estudo de Arnaldo E. Huff Júnior, “Campo religioso brasileiro e história do tempo presente”, tem como objetivo analisar o campo religioso no Brasil sob um ponto de vista histórico. Usa como referencial teórico os pensamentos teóricos de Pierre Sanchis e Pierre Bourdieu visando apreender a configuração desse campo, ao mesmo tempo em que discute possibilidades e dificuldades para realizar essa tarefa. As principais noções que constituem a base interpretativa de seu trabalho são o campo e o *habitus*, fundamentos utilizados para suas reflexões sobre as duas tendências marcantes identificadas nas dinâmicas atuais da religião no Brasil, a homogeneização e a heterogeneização. Muito apropriadamente, o autor mostra que, ao mesmo tempo em que o cristianismo brasileiro já nasce plural, o estudo de qualquer manifestação religiosa neste país deve ser feito tendo como cenário essa unidade na diversidade, que é constituída na Igreja Católica no Brasil. Outro traço importante discutido é a sobreposição de paradigmas pós-modernos, modernos e pré-modernos na sociedade brasileira, ou seja, a convivência de traços diversos, característicos de momentos distintos da história das sociedades ocidentais. Também marcam o campo religioso brasileiro tanto o fenômeno do duplo pertencimento como o trânsito entre as diversas crenças. Entre as sugestões feitas em seu texto, menciona-se a defesa da utilização de relatos orais, como forma de coleta de dados para a construção da história do tempo presente com referência à pesquisa ao campo religioso no Brasil.

O texto de Pierre Sanchis, “Cultura brasileira e religião... Passado e atualidade...”, faz uma análise, desta vez de reconstrução histórico-socioló-

gica, das relações que se estabeleceram, no decorrer da formação social brasileira, entre cultura e religião. O ponto de partida são reflexões sobre o significado do conceito de cultura, sua influência nos indivíduos e suas transformações, assim como as contribuições e resistências apresentadas por esses sujeitos sociais ao impacto que dela recebem. Religião, então, é vista como “cultura no superlativo”, uma cosmovisão e uma ética, que guarda relações distintas com outros aspectos que constituem também o espaço da cultura. O foco no Brasil leva o autor a chamar a atenção para “os retratos do Brasil”, elaborados por intelectuais querendo interpretar o país, que acabaram por criar, na mente dos brasileiros, uma auto-imagem que acaba por defini-lo, especialmente com base numa dimensão religiosa superlativa, numa multidão invisível de protetores, que acabam constituindo um complexo sincretismo, o aspecto mais trabalhado por Sanchis. Assim, como este conclui, a religião está aí, portanto, permanece, mas está mudando, ao mesmo tempo em que apresenta rupturas e traços novos, refletindo, pois, o que acontece no mundo globalizado.

O estudo de Neusa de Fátima Mariano, “Religiosidade popular e espetáculo: a Festa do Divino de Mogi das Cruzes-SP”, é uma análise de caráter antropológico de uma festividade tradicional que se conserva em várias regiões do Brasil. Nessa pesquisa, que foi o objeto de estudo de sua tese de doutorado, são descritas em detalhes todas as etapas da preparação dessa festa, bem como sua realização. A autora mostra claramente como, no decorrer dos tempos, seu sentido tem se redefinido, integrando-se a cada ano mais na lógica do mercado e se organizando de forma de divisão de trabalho, de modo a proporcionar um espetáculo digno dos tempos atuais. Visa-se, com isso, atrair turistas para assistir a um evento que contribui para projetar o nome do município no cenário nacional brasileiro, assim como aportar recursos importantes para os cofres públicos e de todas as instituições envolvidas. Mas essa lógica moderna não apaga o caráter popular desse relevante acontecimento na vida municipal e de sua contribuição para a manutenção da cultura popular, ainda que sob um manto atual.

Lídice Meyer Pinto Ribeiro analisa, em seu texto “Mapeamento do protestantismo rural no lençol de cultura caipira”, o desenvolvimento e o perfil do protestantismo tradicional que se desenvolveu na região na região de cultura caipira estudada por Antonio Candido, com características bem distintas daquele surgido em zonas urbanas. Trata-se de um tipo de religiosidade popular que se estabeleceu nos bairros rurais, trazido por missionários estrangeiros ao longo dos séculos XIX e XX. Aproxima-se bastante do catolicismo rústico, estudado por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1968),² embora mantenha também relações com o protestantismo histórico. A auto-

² QUEIROZ, M. I. P. O catolicismo rústico no Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 5, p.103-123, 1968.

ra conclui que o protestantismo rural tem o poder de legitimar a cultura religiosa da região caipira à qual se adaptou. Sua força decorre do fato de se ter instalado em bairros rurais no momento em que estavam se formando, sendo ali a única representante religiosa oficial. Teve liberdade para seu desenvolvimento devido à ausência de um catolicismo oficial. Consta-se uma convivência entre religião e magia, abrangendo crenças e práticas mágicas e religiosas, com predominância dessas últimas pelo incentivo a leitura da bíblia, que acaba servido de base para a própria prática da magia. Ainda que apresente esses traços mistos, o protestantismo rural dominante no lençol de cultura caipira está inter-relacionado com o protestantismo oficial, havendo reuniões periódicas entre seus representantes em que se verifica a partilha de crenças comuns.

Uéslei Fatarelí aborda, em seu longo artigo “A influência da Teologia da Libertação em composições musicais protestantes brasileiras”, faz uma importante análise de obras musicais produzidas por compositores ligados a determinadas linhas da Igreja Presbiteriana do Brasil, o que se inicia com a recuperação das origens da Teologia da Libertação tanto na Igreja Católica latino-americana como em outros credos cristãos, mostrando como as letras dessas composições procuram levar a uma atuação no sentido de luta contra a injustiça e a desigualdade sociais, presentes no Brasil, assim como em muitos outros países da América Latina. Com isso acabam por atrair represálias por parte daqueles que se sentem atingidos pelas denúncias proclamadas por esse cancionista, tanto de natureza religiosa, como engajada em combate contra a fome e a miséria.

O artigo de Oswaldo M. S. Truzzi foca um tema também pouco abordado na literatura sociológica brasileira, que é a transmissão de valores em um grupo muçulmano vivendo em um país predominantemente católico, como o Brasil. Trata-se de questão fundamental para a sobrevivência dessa minoria étnica de origem libanesa, grupo que, embora reduzido em tamanho, é composto por indivíduos bastante diversos no que se referem a gênero, faixa etária, condições sócio-econômicas e tempo de Brasil. O estudo baseou-se em entrevistas aprofundadas, mostrando que as instâncias de socialização mais significativas são constituídas pela família (incluindo aí os vínculos com os parentes residentes no país de origem) e pela mesquita/sociedade beneficente, reforçando o que é dito no primeiro artigo acima apresentado sobre a importância da religião como agência socializadora. Seu papel é relevante na reprodução da comunidade muçulmana em São Paulo, fazendo competição à ação exercida pela escola e pela mídia da sociedade mais ampla na produção e internalização de valores e referências importantes para o grupo. O fato de o Brasil ser um país “bom para os negócios” e “ruim para a educação” das novas gerações cria uma tensão permanente entre o ficar e o retornar ao país de origem. A escalada da violência no Oriente Médio, por outro lado, bem como a hospitalidade cres-

cente contra os muçulmanos no mundo ocidental vêm acrescentar mais um ingrediente à situação difícil vivenciada por essa minoria étnica, o que, conforme evidencia Truzzi, exige muitas negociações no interior dessas famílias, tão preocupadas com a manutenção de suas tradições religiosas.

O texto de Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, “Espiritismo no Brasil”, aborda o espiritismo tanto historicamente como nos dias atuais, evidenciando a atuação do líder Rino Curti e da coligação Espírita Progressista no panorama religioso brasileiro atual, com base em estatísticas e procurando distingui-lo de outras religiões mediúnicas. Mostra também suas origens na França e, no século XIX, sua chegada no Brasil. São, do mesmo modo, apresentados os principais pontos da doutrina espírita. Trata-se de estudo qualitativo, que recorre a várias fontes, como a coleta de relatos orais de diversos tipos de entrevistados, a observação de sessões mediúnicas, a análise de documentação da Coligação Espírita e de extensa bibliografia sobre o tema. As reflexões tecidas pela autora permitem perceber as dificuldades inerentes ao estudo de uma crença não compartilhada, mas, sem dúvida, um estudo em profundidade e objetivo, que exigiu conquistar a confiança dos entrevistados para que as pesquisadoras (além da autora, o estudo foi realizado por Maria de Lourdes Janotti) pudessem conseguir depoimentos mais completos. A interpretação tem por base o pensamento de Bourdieu, utilizando especialmente os conceitos de campo e habitus.

Por fim, é preciso apresentar dois textos muito interessantes, que tratam de uma problemática distinta dos artigos mencionados acima, mas, nem por isso, deixam de abordar uma questão muito atual, a homossexualidade masculina.

O artigo de Giorgio L. Momesso, “Usos alternados em territórios intersticiais na metrópole: o caso autorama em São Paulo”, analisa o uso de determinado espaço urbano na cidade de São Paulo por homossexuais, com base no referencial teórico da Escola de Chicago, utilizando especialmente os conceitos de estrutura urbana, ecologia humana e região moral. O espaço do estacionamento autorama localiza-se no Parque do Ibirapuera e o autor chama a atenção para três instâncias de atuação, uma constituída pelos organismos oficiais, a segunda, a vizinhança residencial, que se sente afetada pelo uso do espaço por homossexuais, mas que em parte também se manifesta favoravelmente ao seu direito de uso desse espaço, e a terceira, formada pelos próprios usuários, que usam a área como local de socialização.

O segundo artigo dentro dessa temática, de autoria de Eduardo Moreira Assis, intitula-se “‘Fazendo a Linha?’ Masculinidade(s) e desejo pelo mesmo sexo na trajetória de vida de homens que fazem sexo com outros homens”. Aborda a questão sobre como os homens que fazem sexo com outros homens lidam com diferentes masculinidades, experimentam sua própria masculinidade e elaboram o conhecimento de si e dos outros. Aqui o espaço é uma cidade de pequeno porte, Pouso Alegre, situada no Sul de

Minas Gerais. O estudo baseia-se na coleta de relatos orais e, entre outras conclusões, o pesquisador mostra que, ao contrário do que se poderia pensar, a crise da masculinidade tem levado a uma valorização do modelo homem colocado sob crítica. Consegue desconstruir a “linha”, percebida como própria performatividade do gênero. Embora experimentem diferentes masculinidades, os entrevistados são norteados por uma só, com a qual dialogam e que tem na homofobia uma parte necessária do processo de formação desse tipo de homem. O periódico consta ainda de três instigantes resenhas.

Este número da revista Cadernos CERU contou com o apoio da Equipe Editorial do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, em especial com o trabalho de Jhonny Juliani, a quem devemos a revisão final dos textos, da colaboração de Eleni Steinle de Moraes, bibliotecária do CERU, assim como da equipe de produção gráfica da CCS/USP. Mais particularmente gostaríamos de manifestar nossa gratidão à Comissão de Credenciamento do Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP, na pessoa de sua presidente, professora doutora Isabel Amélia Costa Mendes e de Eugênia Maria Lopes, secretária da Comissão.

São Paulo, dezembro de 2008
Maria Christina Siqueira de Souza Campos